

# O TRABALHADOR

SEMANÁRIO DO POVO

## O OPERARIADO E O FUTURO DA PÁTRIA

«O Trabalhador» nasceu com a ambição de servir a Nação, contribuindo, na medida das suas possibilidades, para ajudar a dotá-la de um operariado consciente da sua altíssima missão social.

Com a importância crescente que vai tendo em todo o mundo o sector industrial e comercial, com as tendências actuais para maior intercâmbio económico entre as nações, Portugal será amanhã o que for a sua técnica e o seu operariado.

Esta afirmação não é nossa, é de todas as pessoas responsáveis, incluindo as diversas autoridades religiosas entre as quais destacamos o Papa Pio XII que ainda recentemente afirmou num notável discurso que o mundo de amanhã será o que for a classe operária.

Ora o operariado não se poderá valorizar sem que lhe demos as necessárias condições para isso. A valorização do operariado de amanhã depende da educação dos filhos dos operários e essa educação só é possível se a família operária dispuser de um lar, de meios económicos e de escolas profissionais convenientes que os jovens possam frequentar antes de serem admitidos ao trabalho, ou a menos, dentro das horas regulamentares do trabalho.

Por outro lado, para que os pais sintam o desejo de conservar os seus filhos no meio operário — e não fazerem deles doutores ou funcionários — é preciso que sintam amor pela profissão, e que esta lhes dê, portanto, a alegria de viver. Se não contrabalançarmos a tendência dos jovens para fugir da classe operária em busca de uma profissão mais «elevada», não teremos no operariado senão os que não foram capazes de fugir dele e os transfugas dos meios rurais.

Não será com um operariado nestas condições que estaremos amanhã à altura da concorrência estrangeira. Aliás, se não fossemos capazes de dar aos operários a consciência voluntária dos seus deveres — e nunca lhe daremos se não lhes dermos também a dos seus direitos, pois uns não podem subsistir sem os outros — que futuro estariam nós preparando para a nossa Pátria?

Portugal não é o dia de hoje, nem o dia de daqui a cinco ou dez anos. Portugal perdurará para além das nossas vidas e é para esse Portugal do futuro que devemos construir hoje.

(Continua na 6.ª página)

## Honra ao Trabalho



O oleiro é uma profissão ignorada do nosso público; é, no entanto, um dos operários que mais associado vive à nossa vida quotidiana. A sua presença é por assim dizer permanente na nossa casa, reflectida na arte que transparece em grande parte dos nossos utensílios domésticos.

Com que infinito carinho o oleiro que reproduzimos se dedica ao seu trabalho de criador de maravilhas, já

na mitologia assíria figurava o Deus oleiro como modelador de mundos.

Perdura ainda o carácter simbólico desta profissão em toda a sua expressividade.

O oleiro na humildade do seu esforço abengado, persistente e heróico, bem pode simbolizar o esforço dos que abnegada, persistente e heróicamente modelam um mundo novo, no qual o trabalhador ocupe o lugar, a que, na hierarquia dos valores, tem direito.

## ASPECTOS ACTUAIS DO ENSINO

# ESCOLAS TÉCNICAS

Recentemente, rara era a semana em que ao Ministério da Educação Nacional, não chegavam pedidos para a criação de novas escolas comerciais ou industriais.

Publicavam-se para esse fim, nos jornais, artigos de carácter regionalista; vinham a Lisboa comissões de gente do comércio e da indústria e municípios amantes das suas terras; chegavam os requerimentos e assinaturas.

E cremos que cada um desses pedidos representava não só uma aspiração justíssima, não só a apresentação dum direito certo, mas também a expressão duma necessidade urgente.

O país necessita de profissionais habilitados em todos os ramos da indústria, e no comércio. A aprendizagem prática das técnicas, para ser perfeita, deve assentar numa base suficiente de cultura.

E nos casos em que se adopte uma produção em série, com minuciosa especialização, quando o trabalho dum operário seja constituído pela repetição interminável dum ou de poucos movimentos mecânicos, a necessidade das escolas industriais faz-se sentir como criadoras daquela cultura que evitará, pelo exercício intelectual, a completa mecanização, o quase embrutecimento do indivíduo.

Não sabemos até que ponto serão satisfeitos aqueles pedidos. O que sa-

bemos porém é que, em nossa opinião, antes de criar novas escolas, é preciso criar as condições necessárias para eficaz aproveitamento das que já existem.

Uma série de causas faz com que redunde em pura perda, enorme percentagem do dinheiro e do esforço dispendidos nas escolas técnicas comerciais e industriais.

Uma vista de olhos, ligeira, sobre os dados da estatística oficial, dá-nos uma ideia desse desaproveitamento e até, implicitamente, de algumas das suas causas.

Certas escolas apresentam uma percentagem verdadeiramente irrisória de alunos com aproveitamento, e são pouquíssimas aquelas onde essa percentagem é razoável.

Em 1946 houve cursos em que menos de 10% dos alunos conseguiram «passar» em todas as disciplinas. Nesse mesmo ano as percentagens médias de aproveitamento iam nos 3 primeiros anos e nos dois ramos do ensino técnico, de 41 a 47,8%, e nos 3 últimos anos de 24,7 a 67,9%.

Porém estas percentagens globais, tapam ainda aspectos mais graves no capítulo do aproveitamento.

Incluem, com efeito, cursos nocturnos e diurnos, frequência masculina e feminina.

Olhando com um pouco de atenção a estatística, verificamos, desde logo,

## NEM SÓ DE PÃO VIVE O HOMEM

### GRANDE LIÇÃO DE UM RUDE TRABALHADOR

Um proletário dos autênticos, escreve uma carta a «O Trabalhador» a lastimar-se de não poder ainda assinar o jornal, por se encontrar desempregado e ter quatro filhos pequenos a sustentar. «Mas para o segundo semestre — acrescentava — hei-de pagar a assinatura. Nem só de pão vive o homem».

Vieram-me lágrimas aos olhos quando me mostraram aquela carta. Eu conhecera aquele homem, habituara-me a lidar com a sua alma generosa que, depois de percorrer vários caminhos, acabara por encontrar o Caminho. Mas, tendo-o perdido de vista, chegara a recear por ele. Afinal não se perdeu.

É muito fácil dizer que nem só de pão vive o homem, quando há pão todos os dias em cima da nossa mesa. Mas dizê-lo quando se experimenta nas próprias carnes a veracidade da afirmação, e se está disposto a experimentar-lo outra vez, já não é igualmente fácil.

«Nem só de pão vive o homem», escreve aquele chefe de família que se propõe, se for preciso.

Que grande lição para os nossos tempos!

Hoje, com efeito, o homem seduziu-se com a produção. Arrastado pela sede da riqueza, cego pela ambição do ganho, cada um atira-se ao trabalho... para ultrapassar o seu vizinho, para ter mais do que ele, para o dominar.

Se calha de ser rico, patrão, ou administrador duma empresa, quantas vezes não sente a tentação de ultrapassar os seus colegas, como se agarra com cegueira voraz aos seus lucros, aos seus vencimentos, às suas percentagens, tenha embora para isso de subornar colaboradores ou de explorar o público.

Se é operário ou empregado, domina-o uma obsessão — a do melhor salário, a do melhor lugar, embora haja de ser mau colega, de saltar por cima dos outros, de ser denunciante ou delator para aniquilar os possíveis rivais.

Se é mendigo, torna-se por vezes tão avarento e maldoso como aqueles dois miseráveis que, há dias, mataram um pobre velho, companheiro de mendicidade, para lhe roubarem 50\$00!

De tal maneira está o homem pervertido pela fome do dinheiro, que já só pensa em si mesmo!

Aos gritos de Fraternidade, cada um acotovela o seu companheiro para abrir caminho, chegar primeiro, e ocupar o melhor posto. Aos gritos de Igualdade, cada qual se lançará na correria para apanhar o melhor quinhão. Aos gritos de Liberdade, cada um entenderá que se trata mas é da liberdade de esmagar os outros.

Quantas vezes não é o cofre, o emprego que se tem, a posição a que se aspira, ou o lugar que se não conquistou e os rendimentos que não se possuem mas se desejam possuir que condicionam os ideais políticos, sociais e até religiosos!

O útil divorciou-se do justo. O económico separou-se do moral. Já se não juntam as duas coisas, já não entendem a sua linguagem.

«Nem só de pão vive o homem» — retorquiu Cristo a Satanaz na Montanha da Tentação. E o eco da sua voz repete-se, por vezes, ainda hoje, até na voz dos humildes, daqueles que são capazes de não comer para pagar a assinatura de um jornal.

Mas não será esta precisamente a voz da pacificação humana?

Se cada um de nós se convencesse de que «nem só de pão vive o homem», mas da verdade, da justiça, do carácter, da moral, não se amariam todos melhor uns aos outros?

Não é, de facto, a sede do dinheiro que gera a luta entre os homens — que são capazes de se esfaquear por um tostão — e as guerras entre as nações, que são capazes de se esfaquear por causa dos mercados?

Que no meio do infernal tropel dos interesses, das ganâncias, do maior ganho e do maior lucro, a voz deste rude trabalhador encontre ainda o necessário eco, para que se alumie a luz que dá inteligência aos homens e se acenda a chama que os fará amarem-se uns aos outros.

ABEL VARZIM

O próximo número de um jornal é sempre uma incógnita quanto ao espaço.

Nem sempre as coisas correm na medida dos nossos desejos e, muitas vezes, contra nossa vontade, somos obrigados a adiar a publicação do que antecipadamente havíamos prometido.

A afluência inesperada de original transorna, de um momento para o outro, todos os projectos. Foi o que aconteceu, neste número, com o anunciado inquérito à situação do pessoal dos carros «eléctricos».

Não nos foi possível cumprir a promessa de o publicar no presente número de «O Trabalhador», pelo que aguarda melhor ocasião. Do atraso pedimos desculpa aos nossos leitores.

## “O TRABALHADOR” E A IMPRENSA

Muitos são os jornais que se têm referido com elogio ao reaparecimento do nosso jornal.

Na impossibilidade de fazer referência especial a cada um dos nossos amáveis colegas, como mereciam, aqui deixamos a todos o nosso profundo agradecimento.

que na quase totalidade dos casos, as percentagens de aproveitamento dos rapazes são notavelmente inferiores às das raparigas, e que o aproveitamento da frequência nocturna é de longe inferior ao da frequência diurna.

Assim, referindo só a rapazes as percentagens respeitantes aos três primeiros anos, encontramos taxas que vão de 35,5 a 45%; e de 11,7 a 53%, nos três restantes.

Por outro lado, para comparação entre o aproveitamento médio da frequência nocturna e diurna, e o aproveitamento geral das raparigas, vejamos as percentagens correspondentes aos três primeiros anos dos cursos industriais.

### Aproveitamento:

1.º Ano	
Total .....	47,82
Raparigas .....	58,95
Rapazes-Dia .....	50,10
Rapazes-Noite .....	34,20

2.º Ano	
Total .....	45,93
Raparigas .....	65,88
Rapazes-Dia .....	52,59
Rapazes-Noite .....	26,30

(Continua na 6.ª pág.)

A COMUNIDADE DO VISINHO

Em vários países, nos últimos tempos, têm alguns entusiastas posto em prática experiências de solidariedade comunitária, quer dizer, num bairro, num prédio, numa aldeia, numa oficina, procura-se dar a todos os que vivem ou trabalham lado a lado, consciência de que têm um destino em comum, e devem constituir não um agrupamento apenas, mas uma comunidade. Havemos de tratar, possivelmente, em outra seção do jornal, alguma minúcia, do que é uma comunidade, e do movimento comunitário. Hoje, transcrevemos um relatório de um desses entusiastas G. Boutrou, publicado no n.º 17 da revista Comunauté.

Depois, obtivemos o acordo do procurador e do proprietário. Note-se que as contas e a repartição dos encargos se efectuaram, de ora avante, entre o responsável da comunidade e o gerente, e não já com cada locatário em particular, que o estatuto da porteira é tripartido (gerente, responsável da comunidade e porteira). Um membro da Comissão (mulher) está encarregado de tratar com a porteira de tudo o que se relaciona com a compra de material e produtos de limpeza.

As gorjetas à porteira e a outros não são dadas individualmente, mas pelo tesoureiro da comunidade, que as recolhe e entregará aos beneficiários, em nome de todos.

Em seguida à segunda assembleia dos locatários era impressionante notar a sua alegria por se conhecerem melhor e terem podido passar juntos algumas horas. Era a primeira vez que tinham ocasião disso e apreciavam este contacto simultaneamente muito simples e muito humano.

Indiquemos algumas das realizações que sem a comunidade não se teriam feito:

Um locatário ofereceu-se para arranjar lenha para aquecimento, três outros inscreveram-se também. O locatário que parecia a princípio menos entusiasta ofereceu os seus serviços para a trazer para o prédio quando chegasse e, sózinho, trouxe dez esteres.

Os telefones, automóveis e rebuques de bicicletas existentes no prédio foram postos à disposição de todos.

Muitos lares ofereceram-se para guardar as crianças durante as compras das mães.

Quando os Companheiros da Música foram a Reims, falou disso a todos e ofereci-me para comprar os bilhetes — houve quatro inscrições.

Decidimos estabelecer uma lista dos jornais e revistas que assinamos e podemos pôr à disposição de todos.

Eis, em resumo e sem pretensão, a história da nossa comunidade de prédio, que tem somente um mês. Os seus primeiros resultados servem, contudo, já de provas, pois fizeram descobrir a estas pessoas, que se ignoravam há cinco ou dez anos e até mais para alguns, que existia à sua porta uma fonte de enriquecimento e amizade ainda não captada.

Todos os locatários, sem excepção, deram uma resposta favorável, e no dia seguinte, um domingo, reuniu-se a primeira assembleia em casa do primeiro vizinho entrado na combinação. Este, muito convicto, falou da necessidade de dar ao procurador uma resposta colectiva, do interesse que tínhamos em procurar juntos, soluções aos problemas de organização e conservação do prédio, do bem comum, etc., dando-me em seguida a palavra para precisar as minhas intenções acerca do auxílio mútuo, em especial. Elegeu-se imediatamente uma Comissão, para a presidência da qual fui nomeado unanimemente, por proposta minha, o vizinho co-sinistrado da circular. A Comissão tem também um secretário, um tesoureiro, e dois vogais, um dos quais é mulher.

A sua primeira missão era estudar a resposta a dar ao gerente, segundo as opiniões recolhidas na reunião, e submetê-la depois à aprovação da assembleia dos locatários. Durante a semana, o procurador remeteu ao responsável pela comunidade, as justificações dos seus pedidos, e a Comissão pôs-se ao trabalho. Os locatários tinham concordado em manter a porteira, suportando um aumento de rendas.

No domingo seguinte, reuniu-se em minha casa, a segunda assembleia dos locatários, a qual, seguindo as informações da Comissão, decidiu por unanimidade, a manutenção da porteira, o aumento do salário desta, assim como o seu estatuto, o regulamento do seu trabalho e a repartição, proporcionalmente às rendas, dos novos encargos (o que vinha a dar uma pequena quantia anual a cada locatário).

A assembleia tratou igualmente de certas acomodações de despesas comuns do prédio (electricidade nas caves, garagem para bicicletas e carrinhos de crianças, etc.), auxílio mútuo material, moral, intelectual, etc.

Em vários países, nos últimos tempos, têm alguns entusiastas posto em prática experiências de solidariedade comunitária, quer dizer, num bairro, num prédio, numa aldeia, numa oficina, procura-se dar a todos os que vivem ou trabalham lado a lado, consciência de que têm um destino em comum, e devem constituir não um agrupamento apenas, mas uma comunidade. Havemos de tratar, possivelmente, em outra seção do jornal, alguma minúcia, do que é uma comunidade, e do movimento comunitário. Hoje, transcrevemos um relatório de um desses entusiastas G. Boutrou, publicado no n.º 17 da revista Comunauté.

Depois, obtivemos o acordo do procurador e do proprietário. Note-se que as contas e a repartição dos encargos se efectuaram, de ora avante, entre o responsável da comunidade e o gerente, e não já com cada locatário em particular, que o estatuto da porteira é tripartido (gerente, responsável da comunidade e porteira). Um membro da Comissão (mulher) está encarregado de tratar com a porteira de tudo o que se relaciona com a compra de material e produtos de limpeza.

As gorjetas à porteira e a outros não são dadas individualmente, mas pelo tesoureiro da comunidade, que as recolhe e entregará aos beneficiários, em nome de todos.

Em seguida à segunda assembleia dos locatários era impressionante notar a sua alegria por se conhecerem melhor e terem podido passar juntos algumas horas. Era a primeira vez que tinham ocasião disso e apreciavam este contacto simultaneamente muito simples e muito humano.

Um locatário ofereceu-se para arranjar lenha para aquecimento, três outros inscreveram-se também. O locatário que parecia a princípio menos entusiasta ofereceu os seus serviços para a trazer para o prédio quando chegasse e, sózinho, trouxe dez esteres.

Os telefones, automóveis e rebuques de bicicletas existentes no prédio foram postos à disposição de todos.

Muitos lares ofereceram-se para guardar as crianças durante as compras das mães.

Quando os Companheiros da Música foram a Reims, falou disso a todos e ofereci-me para comprar os bilhetes — houve quatro inscrições.

Decidimos estabelecer uma lista dos jornais e revistas que assinamos e podemos pôr à disposição de todos.

Eis, em resumo e sem pretensão, a história da nossa comunidade de prédio, que tem somente um mês. Os seus primeiros resultados servem, contudo, já de provas, pois fizeram descobrir a estas pessoas, que se ignoravam há cinco ou dez anos e até mais para alguns, que existia à sua porta uma fonte de enriquecimento e amizade ainda não captada.

NOTICIÁRIO DA SEMANA

DO PAÍS

Foram adquiridos nos Estados Unidos, para o Porto de Lisboa, sete rebocadores, um batelão e um guindaste flutuante, a chegarem brevemente.

Nos campos de Mértola foram abatidos um lobo e dez raposas, com a colaboração de caçadores de Beja e de Lisboa, num total de duxentas espingardas. O lobo abatido pesa 54 quilos, e vai ser embalsamado.

Lisboa vai ter, dentro de quatro anos, um porto de pesca em Pedrouços, obra importante orçada em cerca de 93 mil contos.

Vai ser publicada este ano a reforma do ensino técnico e as alterações à reforma do ensino liceal, e estão em adiantado estudo as reformas das faculdades de medicina e das escolas de engenharia.

Foram aprovadas as normas a observar no comércio externo, que entram em vigor no dia 9 do corrente mês.

O grupo onomástico «Os José» ofereceu 20 contos às famílias vítimas do trágico desastre de Espinho.

O Aeroporto da Ilha do Sal vai abrir, em Março ou Abril, ao tráfego das carreiras entre a Europa e a África do Sul, a pedido de várias companhias estrangeiras.

O novo aeroporto internacional muito beneficiará a navegação aérea, devido às excelentes condições atmosféricas durante a nossa Ilha.

O Vale Escuro, em frente ao cemitério do Alto de S. João, está a ser terraplanado e ali vão muito em breve iniciar-se os trabalhos de construção de um novo bairro de casas económicas, para o que já entregaram propostas cinco empreiteiros.

Foi publicado um extensivo plano de melhoramentos a efectuar em todo o País com a comparticipação do Estado.

Por despacho do Subsecretário de Estado do Comércio e Indústria, as Empresas de Fiação de Estambre são obrigadas a dar preferência às lãs nacionais.

Foi considerada livre a cultura do arroz, tendo-se em vista a defesa antisezonática dos trabalhadores.

O Governo enviou à Assembleia Nacional uma proposta de lei sobre o problema da habitação.

DO ESTRANGEIRO

A Inglaterra e a América protestaram junto do governo da Romênia por ter violado o tratado de paz, pelo qual se havia comprometido a respeitar a liberdade de Imprensa, de palavra, de religião e de associação política.

A próxima Conferência Marítima Internacional realiza-se em Genebra. Portugal foi convidado a tomar parte. Ali se estudará a regulamentação da navegação mundial.

A Turquia vai receber alguns navios da América, num total de 22 mil toneladas, bem como equipamento para as escolas navais e instrutores norte-americanos.

Os Estados Unidos estão a produzir bombas atómicas em massa.

Afirma-se que judeus que se encontram na ilha de Chipre.

A falta de géneros alimentícios provocou, na Alemanha, a greve de um milhão e quinhentos mil empregados comerciais.

Na reunião da Subcomissão encarregada dos assuntos de imprensa e informação da O. N. U., o representante da Rússia foi o único a votar contra a liberdade de imprensa e de pensamento.

O general Clay afirmou que a ocupação da Alemanha durará até que ela seja aceite na família das nações, e tanto pode durar dez como vinte e cinco anos.

Reabriu a fronteira franco-espanhola, depois de longo período do seu encerramento.

O presidente Truman, na recepção aos jornalistas, afirmou que era alarmante o custo de vida nos Estados Unidos, e insistiu na necessidade do Congresso conferir poderes ao Governo para fiscalizar os salários e os preços e restabelecer o racionamento, se se tornar indispensável.

O delegado inglês ao Congresso Económico e Social das Nações Unidas disse que a Rússia é uma potência imperialista e expansionista que explora os países da Europa Oriental.

Prevê-se a constituição de um bloco neutral dos países escandinavos para uma cooperação mais íntima, em virtude da sua situação entre os países orientais e a Rússia.

O ministro da Aeronáutica dos Estados Unidos é de opinião que a América do Norte ocupa o terceiro lugar em poderio aéreo e pediu, para segurança do seu país, «uma cortina de segurança, uma cortina suficientemente forte, de forma que nenhuma esquadra de aviões inimigos ou vagas sucessivas de projectéis possa atingir a costa».

A Argentina insiste em proclamar a sua soberania sobre as ilhas Falkland, no Antártico, mas parece certo que o governo inglês rejeitará aquela pretensão do governo argentino.

Uma profissão abandonada

A MISERA SITUAÇÃO DOS AJUDANTES DE NOTÁRIO

O delegado inglês ao Congresso Económico e Social das Nações Unidas disse que a Rússia é uma potência imperialista e expansionista que explora os países da Europa Oriental.

Prevê-se a constituição de um bloco neutral dos países escandinavos para uma cooperação mais íntima, em virtude da sua situação entre os países orientais e a Rússia.

O ministro da Aeronáutica dos Estados Unidos é de opinião que a América do Norte ocupa o terceiro lugar em poderio aéreo e pediu, para segurança do seu país, «uma cortina de segurança, uma cortina suficientemente forte, de forma que nenhuma esquadra de aviões inimigos ou vagas sucessivas de projectéis possa atingir a costa».

A Argentina insiste em proclamar a sua soberania sobre as ilhas Falkland, no Antártico, mas parece certo que o governo inglês rejeitará aquela pretensão do governo argentino.

Uma profissão abandonada

A MISERA SITUAÇÃO DOS AJUDANTES DE NOTÁRIO

Arrasta-se há muitos anos, apesar de todas as promessas e decretos autorizando o Ministério da Justiça a regular o assunto, o problema angustiante dos ajudantes de notário.

Para responsabilidades, são os ajudantes de notário equiparados a funcionários públicos, mas para regalias nem sequer nos operários são equiparados.

Não têm vencimentos fixados, estando por isso à mercê da boa vontade dos seus patrões; não têm reforma, nem previdência, estando, por isso, sujeitos a esmolas, se adoececer, se inutilizarem no trabalho, ou atingirem a velhice. A este propósito, escreve-se um deles: «Espero em Deus que não chegue a velhice, porque senão apenas me restará estender a mão à caridade pública».

Dizem que o actual Ministro da Justiça tem um espírito social moderno. Pois então, destas columnas apelamos veementemente para Sua Excelência, a fim de que se acabe em definitivo com esta situação de miséria que já se não compreende nos tempos da hoje.

E já não é sem tempo. Mutas centenas de famílias estão à espera do que se vai prometendo e nunca mais chega. A sua angústia é um clamor de justiça que não ouvimos e reforçamos neste jornal do povo trabalhador.

No Brasil pede-se a prisão de Carlos Prestes, chefe do extinto partido comunista brasileiro, «que apesar de posto fora da lei não cessou as suas actividades criminosas».

O general Eisenhower vai publicar no Outono próximo a narrativa da guerra, obra que será distribuída pelos principais órgãos da imprensa de todo o mundo.

«Sabemos muitíssimo bem que a par da coezinha indicação das onze peças da nossa «equipa», existem sempre problemas vários a pôr em equação... e a resolver satisfatoriamente, para vir a ser o «melhor» em determinado momento — e contra determinado País».

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

O general Bradley é o novo chefe do Estado Maior do Exército norte-americano, em substituição do general Eisenhower.

Os deputados americanos que visitaram o Próximo Oriente, concluíram que a Pérsia precisa do auxílio dos Estados Unidos, nas mesmas condições em que é prestado à Grécia e à Turquia.

Vinte estivadores americanos recusaram-se a carregar um navio russo por o comandante não ter hasteado a bandeira dos Estados Unidos, conforme as normas internacionais. Só depois de serem subir no mastro de honra o símbolo da sua pátria, os operários prosseguiram no seu trabalho.

Foram demitidos os ministros comunistas da Reabilitação e das Comunicações, na zona de ocupação britânica, na Alemanha.

Voltam a reunir-se em Março os representantes das 16 nações interessadas no plano Marshall.

O governo francês vai iniciar a guerra ao aumento do custo de vida: A supressão dos intermediários, as importações maciças, a reorganização da fiscalização económica, o restabelecimento da fixação de preços de compra e venda, são as linhas essenciais do plano governamental, que prevê sacções.

Pelo Ministério da Saúde Pública vai ser nomeada uma comissão especial para dirigir a campanha contra a actual vaga de pornografia e de banditismo.

Segundo relata o «Daily Telegraph» há cerca de trezentos mil presos nos campos de concentração russos.

A Bulgária e a Hungria rejeitaram o pedido do governo inglês de informações sobre o efectivo das suas unidades militares.

O Papa recebeu em audiência especial mil sargentos da Polícia Civil italiana que terminaram o curso.

Pio XII, em palavras de encorajamento disse-lhes que, estando a pátria servirem ao mesmo tempo, a grande causa comum a todas as pátrias.

No Brasil pede-se a prisão de Carlos Prestes, chefe do extinto partido comunista brasileiro, «que apesar de posto fora da lei não cessou as suas actividades criminosas».

O general Eisenhower vai publicar no Outono próximo a narrativa da guerra, obra que será distribuída pelos principais órgãos da imprensa de todo o mundo.

«Sabemos muitíssimo bem que a par da coezinha indicação das onze peças da nossa «equipa», existem sempre problemas vários a pôr em equação... e a resolver satisfatoriamente, para vir a ser o «melhor» em determinado momento — e contra determinado País».

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

«A época e o local da realização do encontro; — As características racionais dos adversários; — A sua robustez individual; — Os pontos «fracos» e «fortes» do conjunto a enfrentar;

PÁGINA DESPORTIVA

COISAS DO FUTEBOL A POUCO MAIS DUM MÊS DO PORTUGAL-ESPANHA

Por ALBERTO VALENTE

— O seu baixo ou elevado nível técnico; e

— O padrão das táticas comumente seguidas nos clubes de maior valor do futebol adversário, são pontos essenciais que não devem ser esquecidos pelo Seleccionador (...ou Comité) ao idealizar o «esqueleto básico» do grupo — prelúdio da constituição definitiva dum bom conjunto nacional, a designar consorte as intermitências das Leis da «forma», das «leões» e da melhor condição física, susceptíveis de variação no decurso dos trabalhos.

E nunca deve deixar de prevalecer, como possibilidade, sempre em vista, o propósito aconselhável de «internacionalizar» elementos novos e pujantes de vitalidade — a imiscuir aos poucos entre os jogadores consagrados e experientes, — de maneira a que o «quadro» representativo da Nação possa ser formado em qualquer época, com base em valores técnicos de quem se não duvide, mas atléticos, e também, a que não falem qualidades para aguentar 90 minutos de jogo rápido e codicioso, desses tais 90 minutos que ficam eternamente registados por «cruzeiros de golos» no historial desportivo dum Nação.

«Mas só com tal bagagem se concebe o direito de «lá chegar».

«Assim deve ser.

«Porque se assim não for — a prática virá demonstrar que a «timidez», o «partidarismo», as «capitativas pessoais», e a «falta de visão» podem, infelizmente, obrigar a insistir em erros antilhos, a escolher conforme as conveniências da representação clubista que se via obrigado a corresponder ao carinho que lhe dispensavam, criaria uma amizade sólida e leal pelos seus companheiros, pelos seus patrões.

Lutaria sempre pelo progresso, pelo desenvolvimento da empresa que lhe utilizava o braço, o que ajudaria a melhor e decerto maior produção.

Sabemos quão difícil se torna, nos tempos presentes, a organização de um grupo desportivo, verdadeiramente digno deste nome, bem como não seja este, o mais grave problema que aflija as classes trabalhadoras do nosso país mas, sabemos também, que, com um pouco de esforço e principalmente com um pouco de boa vontade, pouco a pouco se iriam formando, pouco a pouco as suas variadas actividades se iriam desenvolvendo, melhorando as suas condições de vida, até finalmente se encontrarem perfeitamente organizados.

Além do desenvolvimento orgânico que essas organizações trariam ao trabalhador, beneficiariam os mesmos de um ambiente acolhedor que os arrançasse a muitos vícios contraídos pela falta de tais instalações, como por exemplo, a taberna.

Decerto que, possuindo tão boas condições, o seu trabalho seria mais produtivo, a sua disposição seria outra, o seu objectivo dentro da fábrica ou da oficina não seria somente, embora este fosse o principal, o salário. Teria outra responsabilidade pois que se via obrigado a corresponder ao carinho que lhe dispensavam, criaria uma amizade sólida e leal pelos seus companheiros, pelos seus patrões.

Lutaria sempre pelo progresso, pelo desenvolvimento da empresa que lhe utilizava o braço, o que ajudaria a melhor e decerto maior produção.

Sabemos quão difícil se torna, nos tempos presentes, a organização de um grupo desportivo, verdadeiramente digno deste nome, bem como não seja este, o mais grave problema que aflija as classes trabalhadoras do nosso país mas, sabemos também, que, com um pouco de esforço e principalmente com um pouco de boa vontade, pouco a pouco se iriam formando, pouco a pouco as suas variadas actividades se iriam desenvolvendo, melhorando as suas condições de vida, até finalmente se encontrarem perfeitamente organizados.

Além do desenvolvimento orgânico que essas organizações trariam ao trabalhador, beneficiariam os mesmos de um ambiente acolhedor que os arrançasse a muitos vícios contraídos pela falta de tais instalações, como por exemplo, a taberna.

Decerto que, possuindo tão boas condições, o seu trabalho seria mais produtivo, a sua disposição seria outra, o seu objectivo dentro da fábrica ou da oficina não seria somente, embora este fosse o principal, o salário. Teria outra responsabilidade pois que se via obrigado a corresponder ao carinho que lhe dispensavam, criaria uma amizade sólida e leal pelos seus companheiros, pelos seus patrões.

Lutaria sempre pelo progresso, pelo desenvolvimento da empresa que lhe utilizava o braço, o que ajudaria a melhor e decerto maior produção.

Sabemos quão difícil se torna, nos tempos presentes, a organização de um grupo desportivo, verdadeiramente digno deste nome, bem como não seja este, o mais grave problema que aflija as classes trabalhadoras do nosso país mas, sabemos também, que, com um pouco de esforço e principalmente com um pouco de boa vontade, pouco a pouco se iriam formando, pouco a pouco as suas variadas actividades se iriam desenvolvendo, melhorando as suas condições de vida, até finalmente se encontrarem perfeitamente organizados.

Além do desenvolvimento orgânico que essas organizações trariam ao trabalhador, beneficiariam os mesmos de um ambiente acolhedor que os arrançasse a muitos vícios contraídos pela falta de tais instalações, como por exemplo, a taberna.

Decerto que, possuindo tão boas condições, o seu trabalho seria mais produtivo, a sua disposição seria outra, o seu objectivo dentro da fábrica ou da oficina não seria somente, embora este fosse o principal, o salário. Teria outra responsabilidade pois que se via obrigado a corresponder ao carinho que lhe dispensavam, criaria uma amizade sólida e leal pelos seus companheiros, pelos seus patrões.

Lutaria sempre pelo progresso, pelo desenvolvimento da empresa que lhe utilizava o braço, o que ajudaria a melhor e decerto maior produção.

Sabemos quão difícil se torna, nos tempos presentes, a organização de um grupo desportivo, verdadeiramente digno deste nome, bem como não seja este, o mais grave problema que aflija as classes trabalhadoras do nosso país mas, sabemos também, que, com um pouco de esforço e principalmente com um pouco de boa vontade, pouco a pouco se iriam formando, pouco a pouco as suas variadas actividades se iriam desenvolvendo, melhorando as suas condições de vida, até finalmente se encontrarem perfeitamente organizados.

Além do desenvolvimento orgânico que essas organizações trariam ao trabalhador, beneficiariam os mesmos de um ambiente acolhedor que os arrançasse a muitos vícios contraídos pela falta de tais instalações, como por exemplo, a taberna.

Decerto que, possuindo tão boas condições, o seu trabalho seria mais produtivo, a sua disposição seria outra, o seu objectivo dentro da fábrica ou da oficina não seria somente, embora este fosse o principal, o salário. Teria outra responsabilidade pois que se via obrigado a corresponder ao carinho que lhe dispensavam, criaria uma amizade sólida e leal pelos seus companheiros, pelos seus patrões.

Lutaria sempre pelo progresso, pelo desenvolvimento da empresa que lhe utilizava o braço, o que ajudaria a melhor e decerto maior produção.

Sabemos quão difícil se torna, nos tempos presentes, a organização de um grupo desportivo, verdadeiramente digno deste nome, bem como não seja este, o mais grave problema que aflija as classes trabalhadoras do nosso país mas, sabemos também, que, com um pouco de esforço e principalmente com um pouco de boa vontade, pouco a pouco se iriam formando, pouco a pouco as suas variadas actividades se iriam desenvolvendo, melhorando as suas condições de vida, até finalmente se encontrarem perfeitamente organizados.

Além do desenvolvimento orgânico que essas organizações trariam ao trabalhador, beneficiariam os mesmos de um ambiente acolhedor que os arrançasse a muitos vícios contraídos pela falta de tais instalações, como por exemplo, a taberna.

«Mas só com tal bagagem se concebe o direito de «lá chegar».

«Assim deve ser.

«Porque se assim não for — a prática virá demonstrar que a «timidez», o «partidarismo», as «capitativas pessoais», e a «falta de visão» podem, infelizmente, obrigar a insistir em erros antilhos, a escolher conforme as conveniências da representação clubista que se via obrigado a corresponder ao carinho que lhe dispensavam, criaria uma amizade sólida e leal pelos seus companheiros, pelos seus patrões.

Lutaria sempre pelo progresso, pelo desenvolvimento da empresa que lhe utilizava o braço, o que ajudaria a melhor e decerto maior produção.

Sabemos quão difícil se torna, nos tempos presentes, a organização de um grupo desportivo, verdadeiramente digno deste nome, bem como não seja este, o mais grave problema que aflija as classes trabalhadoras do nosso país mas, sabemos também, que, com um pouco de esforço e principalmente com um pouco de boa vontade, pouco a pouco se iriam formando, pouco a pouco as suas variadas actividades se iriam desenvolvendo, melhorando as suas condições de vida, até finalmente se encontrarem perfeitamente organizados.

Além do desenvolvimento orgânico que essas organizações trariam ao trabalhador, beneficiariam os mesmos de um ambiente acolhedor que os arrançasse a muitos vícios contraídos pela falta de tais instalações, como por exemplo, a taberna.

Decerto que, possuindo tão boas condições, o seu trabalho seria mais produtivo, a sua disposição seria outra, o seu objectivo dentro da fábrica ou da oficina não seria somente, embora este fosse o principal, o salário. Teria outra responsabilidade pois que se via obrigado a corresponder ao carinho que lhe dispensavam, criaria uma amizade sólida e leal pelos seus companheiros, pelos seus patrões.

Lutaria sempre pelo progresso, pelo desenvolvimento da empresa que lhe utilizava o braço, o que ajudaria a melhor e decerto maior produção.

# NOTA OFICIAL

## do Subsecretário das Corporações

Do Subsecretário das Corporações recebemos a seguinte nota oficiosa que publicamos na íntegra:

I  
A PREVIDÊNCIA NA INDÚSTRIA VIDREIRA

1. «O Trabalhador» publicou no seu número 3 (2.ª Série), de 31 de Janeiro último, sob a epígrafe «Jamemor impressionante», uma carta de um operário da indústria vidreira em que se discute a organização da previdência do respectivo sector.

Fala-se, nessa carta, depreciativamente, da «miséria das realidades» que a Caixa concede e que se compara com as contribuições exigidas dos profissionais e das empresas.

Particularmente se insiste nos seguintes pontos:

a) quantitativo do subsídio pecuniário na doença;

b) período por que é concedido;

c) idade considerada para a reforma normal.

Declara-se o anónimo autor da carta revoltado com as injustiças que denuncia no sistema:

a) porque a Caixa, quando está doente, só lhe paga metade do salário;

b) porque o subsídio se limita a nove meses de doença;

c) porque se exigem os 65 anos para a reforma, quando na profissão «todos morrem com menos de 50 anos».

E, por fim, pergunta para onde vai o dinheiro dos sócios da Caixa que morrem antes de atingirem a idade da reforma.

É esta carta e são estas ideias que a redacção de «O Trabalhador» apoia com o seguinte comentário:

«Quem poderá continuar surdo a um apelo escrito assim?

Nos não! A tua carta, prezado camarada, fica a testar a tua grande alma, e a mostrar como é injusta a sociedade que tolera semelhante situação».

2. A Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria Vidreira foi constituída por portaria publicada no «Diário do Governo», n.º 65 (2.ª Série) de 19 de Março de 1943.

Para ela contribuem os trabalhadores com 5 por cento dos ordenados ou salários, e as empresas com 6 por cento (e não 8 ou 10 por cento, como se diz na carta, embora com reserva de «salvo erro»).

Logo em Outubro de 1944 foi a Caixa autorizada a pôr em funcionamento:

a) serviços de assistência médica;

b) serviço de concessão de medicamentos;

c) serviço de subsídios na doença, em esquema reduzido.

As pessoas do centro vidreiro da Marinha Grande foi assegurada assistência médica incluindo visitas domiciliárias.

Até o limite de um quinto da verba consignada à assistência, foi garantido o fornecimento de medicamentos, incluindo especialidades e manipulados.

O subsídio na doença é concedido nos termos do decreto n.º 25,935, de 12 de Outubro de 1935, com a redacção que lhe foi dada pelo decreto n.º 31,899, de 3 de Março de 1942, com o limite máximo de 50 por cento dos salários mínimos constantes das convenções colectivas em vigor.

Corresponde a adopção deste esquema reduzido ao propósito de assegurar imediatos benefícios aos trabalhadores da indústria, numa fase em que não existia ainda regulamento aprovado e não era possível saber-se, com os beneficiários em grande parte desconhecidos, qual o impacto das condições fixadas nos contratos colectivos permitiriam ir na concessão de benefícios.

Trata-se, portanto, de uma fórmula transitória, precursora de regime estável e necessariamente condicionada pela prudência.

3. A Caixa adoptará o seguinte esquema geral:

a) assistência médica e farmacéutica;

b) subsídio na doença de dois terços do salário ou ordenado durante os primeiros 90 dias e de metade do salário ou ordenado nos 180 dias seguintes;

c) reforma por invalidez e velhice: 2 por cento por cada ano de contribuição, até ao máximo de 80 por cento do ordenado ou salário; período de garantia 10 anos;

d) subsídio por morte equivalente a dois meses de salário ou ordenado.

Assigura-se a pensão de reforma, com dispensa do período de garantia, para todos os beneficiários que a 31 de Dezembro de 1943 que continue ao serviço na data da entrada em vigor do Regulamento e que atinja os 65 anos de idade antes de decorridos 10 anos de contribuição.

4. Os subsídios de doença que es-

tão a ser pagos são inferiores àquelles que virão a ser adoptados com a aprovação do Regulamento.

É certo que continuará a abranger nove meses apenas, mas da mesma doença ou de doenças intercaladas de menos de doze meses. Se o período que as separar for superior, começam de novo a vencer-se os subsídios.

A Previdência não cobre a doença de longa duração, mas permite o recurso à reforma por invalidez, a qual é independente da idade.

Ficam a descoberto, apenas os períodos de doença que excedam 9 meses sem que se verifique a invalidez, e ainda os casos verificados antes de decorrido o prazo de garantia.

Mas convém ter presente que, nos termos do decreto n.º 25,935, as Caixas Sindicais dispõem de um fundo de assistência que lhes permite «completar a acção das diversas modalidades de previdência adoptadas, que com subsídios extraordinários e independentes de todo o compromisso social nos beneficiários e suas famílias quando em situação de necessidade, quer pela extensão dos benefícios aos indivíduos impossibilitados pela sua idade de serem inscritos como beneficiários».

Os fundos da instituição elevavam-se, em 31 de Dezembro de 1946, a 14,601 contos.

9. Nem ao autor, anónimo, da carta, nem ao comentador do semanário ocorreu comparar a situação actual com a situação anterior.

Nem um nem outro se lembrou de que o que existe se tirou do nada.

Simula-se uma indignação virtuosa porque se considera insuficiente a protecção dispensada ao trabalhador — e escrevem-se as maiores barbaridades que, a serem sinceras, pressuporiam numa folha, que pretende orientar os trabalhadores, a mais completa e a mais absoluta ignorância dos princípios elementares de organização da segurança dos trabalhadores.

E não há uma palavra para assinalar o caminho percorrido e o esforço que se realizou, nem o reconhecimento das intenções de uma política social que todos os dias proporciona provas concretas da sua capacidade de resolver o problema.

Alimenta-se o espírito de revolta contra supostas injustiças, em vez de se dizer que prossegue metódicamente uma acção que tende a melhorar a condição dos trabalhadores pela progressiva garantia da sua segurança económica.

Excita-se o ódio, em vez de se pronunciar a palavra de esperança e de confiança. Coloca-se a previdência na posição de ré, em lugar de se confessar a obra já realizada e de se afirmar a fé nos resultados futuros da continuação de um esforço que se tem exercido persistentemente, tenazmente, vencendo todos os dias obstáculos e dificuldades, a oposição de muitas empresas que invocam a falta de capacidade para suportarem os encargos, a própria incompreensão dos trabalhadores.

Essa incompreensão, em vez de a esclarecer e dissipar, entende um órgão que se propõe educar os trabalhadores que se desempenha do seu dever mais a adensando, quando dá guarida a suspeições ineptas e as glórias e honras.

Há de convir-se em que é muito estranha a forma que se adopta para cumprir semelhante missão.

II  
AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS METALÚRGICOS

10. No mesmo número 3 de «O Trabalhador» proclama-se num artigo a toda a largura da última página: «Impõe-se a revisão das condições de trabalho dos metalúrgicos».

Impõe-se — porquê?

Porque esse não fossem as horas extraordinárias que obrigam a um dispêndio de forças exaustivo os vencimentos seriam insuficientes».

Os salários estão «antiquados» e, por isso, a remuneração das horas extraordinárias deveria integrar-se no salário normal.

11. Foi particularmente infeliz o exemplo escolhido pelo jornal para insinuar a suposta indiferença do Governo pela situação dos trabalhadores.

A regulamentação do trabalho nas indústrias metalúrgicas e metal-mecânicas foi objecto de 1943 a 1945, de sucessivos despachos de salários mínimos, de âmbito distrital ou pluri-distrital.

Por despacho de 26 de Abril de 1945, foi nomeada uma comissão técnica, na qual se delegou o encargo de estudar a unificação das normas aplicáveis, alargando-as a todo o Continente. Na comissão estavam representados os Sindicatos dos trabalhadores da actividade.

Com base no relatório da comissão, foi publicado, em 24 de Novembro do mesmo ano, o despacho que fixou, para a indústria de todo o País, novas condições de prestação e remuneração do trabalho.

12. A regulamentação abrangeu:

a) a classificação do pessoal;

b) a admissão, aprendizagem e promoção;

c) o regime de trabalho;

d) a disciplina;

e) a remuneração do trabalho;

f) a organização da previdência.

Reagruparam-se os ofícios, completando-se as enumerações anteriores, e hierarquizando-as conforme o grau de especialização funcional e de aptidão técnica. Definiram-se as funções de determinadas categorias e previu-se a integração das modalidades omissas. Criaram-se quadros de pessoal técnico e de fiscalização, para corresponder às exigências de organização racional do trabalho. Fixaram-se proporções entre as várias classes de pessoal operário, para prevenir a redução dos salários através da abusiva integração em classes mais baixas.

Estabeleceu-se, em matéria de aprendizagem: habilitações mínimas (ler e escrever); exame médico na admissão e inspecção periódica; limite de duração da aprendizagem; salário mínimo em função da idade e do tempo de aprendizagem; proibição do trabalho em regime de empreitada, tarefa ou a prêmio; direito de os aprendizes deixarem as oficinas duas horas antes do encerramento quando frequentem cursos complementares de aprendizagem; exames de aptidão e promoção obrigatórios findo o prazo da aprendizagem.

Fixou-se o horário normal de 48 horas semanais, facultando-se o regime da «semana inglesa». Garantiu-se o lugar e a categoria nas faltas por motivo de doença, acidente de trabalho, casamento, morte de parentes ou sua doença súbita e grave, e prestação do serviço militar. Prescreveram-se categorias abertas às mulheres e concedeu-se-lhes licença e subsídio pecuniário por ocasião do parto. Fixou-se nos 16 anos a idade mínima de admissão na profissão. Prescreveu-se a obrigatoriedade das férias pagas.

Facultou-se, quanto à disciplina, o recurso para os Tribunais de Trabalho das sanções aplicadas pelas empresas.

Garantiram-se salários mínimos por dia normal de trabalho, diferenciados por zonas geográficas. Proibiu-se baixar os salários estabelecidos ou as categorias que vigoravam à data do despacho. Assegurou-se o salário do jornal no trabalho por peça ou tarefa, com obrigatoriedade de aprovação prévia e da afixação das tabelas adoptadas. Proibiu-se o fraccionamento do salário de jornal em períodos inferiores a uma hora. Exigiu-se a entrega aos operários de talões discriminativos do salário semanal e dos descontos efectuados.

Estabeleceram-se as contribuições dos trabalhadores e das empresas para a Caixa de Previdência dos Técnicos e Operários Metalúrgicos e Metal-Mecânicos, de âmbito nacional.

13. A tabela de salários traduziu uma nítida e franca melhoria em relação às tabelas anteriores.

Os aumentos médios verificados nos salários mínimos foram de 29 a 47 por cento, atingindo nalguns distritos e sobretudo para as classes mais baixas percentagens muito mais elevadas: 57 por cento (Castelo Branco), 59 por cento (Braga e Santarém), 80 por cento (Aveiro), 87 por cento (Coimbra).

Além disso, deve atender-se a que da nova sistematização das categorias e classes, reduzidas de sete a quatro grupos, resultaram notáveis acréscimos adicionais de salários.

14. Posteriormente, o despacho sofreu numerosas alterações, atinentes ao aperfeiçoamento da sua técnica e à melhoria das condições de trabalho.

A sua iniciativa partiu de uma comissão central de estudo, na qual se garantiu a representação dos Sindicatos.

Mencionemos algumas das alterações introduzidas:

a) alargamento a todos os menores da exigência de habilitações mínimas, do exame médico na admissão e da inspecção periódica;

b) aperfeiçoamento das normas reguladoras do trabalho por peça, tarefa ou a prêmio;

c) proibição do emprego de mulhe-

res e menores nos trabalhos de galvanoplastia;

d) extensão do período de férias pagas;

e) acréscimo da remuneração na altura das férias, indo de 25 a 150 por cento, conforme os anos de serviço;

f) obrigação de indemnizar o trabalhador no caso de despedimento antes do gozo de férias;

g) não contagem das faltas por doença no apuramento da efectividade do serviço.

Especialmente se deve referir que, por despacho de 24 de Maio de 1946, foi aprovada nova tabela de salários, comportando aumentos de 10 a 25 por cento sobre a tabela de 1945.

15. Verifica-se a particular atenção que mereceu este sector importante da nossa actividade industrial, e o cuidado com que os seus problemas têm sido tratados, insistentemente se diligenciando alcançar a progressiva melhoria das condições de prestação e de remuneração do trabalho.

Concluir-se-ia que todo este esforço de permanente elaboração passou despercebido ao articulista se a índole do semanário que pretende orientar os trabalhadores, pressupondo o conhecimento dos assuntos que versa, não obrigasse a acreditar que ciente-

mente o oculto.

19. A direcção da Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais do Comércio elaborou e apresentou oportunamente as contas dos exercícios de 1945 e 1946, as quais depois de aprovadas pelo conselho geral, foram submetidas ao Instituto Nacional do Trabalho e Previdência.

São esses, nos termos da lei, os órgãos competentes para o seu exame e apreciação.

As contas referentes a 1947 estão a ser ultimadas, por forma a serem apresentadas dentro dos prazos legais.

20. Seria preciso que andasse muito mal informado o jornal que se arvora em mentor dos trabalhadores para que levianamente se convencesse de que a demora no pagamento dos abonos pudesse ser imputável a um desfaleque, um novo desfalque numa Caixa em que nenhum ocorreu.

Só assim se justificaria o seu alarme que vai ao ponto de exigir que as contas sejam prestadas, não ao conselho geral da Caixa em que estão representados os trabalhadores inscritos, mas sim individualmente a cada um dos 90 mil beneficiários.

Não é crível, num tão alto grau, a ignorância do regime legal e do desconhecimento dos factos e das realidades mais elementares.

A verdade é que «O Trabalhador» adoptou, na matéria, a mesma técnica dos panfletos clandestinos que insistentemente falam de imaginárias irregularidades nas instituições de previdência, para convencerem os trabalhadores de que o seu dinheiro é delapidado.

A imprensa clandestina e «O Trabalhador» irmanam-se pela falta de seriedade dos métodos quando se trata de atacar a organização da Previdência Social.

IV  
O PROBLEMA DA HABITAÇÃO

21. O número inaugural da nova série de «O Trabalhador» de 17 de Janeiro, insere na primeira página, sob o título «Honra ao Trabalho», a fotografia de um grande edifício de Lisboa, acompanhada da seguinte legenda:

«Os nossos operários, sob a orientação dos técnicos, são capazes desta maravilha, que honra e embeleza a grande cidade, merecem que se pense ainda mais, muito mais ainda nas casas onde habitam, muitos deles, sabe Deus em que condições».

Porque se entendeu que a legenda não bastava, publicou-se na mesma página, um artigo em que se evocam as noites de invernada e os «nossos irmãos que moram em barracas de madeiras e folhas podres de zinco». A estes se diz que tenham confiança porque os de «O Trabalhador» pensam neles.

Simplemente se lhes não diz — e seria muito mais positivo e mais concreto — que o problema da habitação dos trabalhadores constitui, há anos a esta parte absorvente preocupação

do Governo, a qual já hoje se testemunha em realizações cujo volume não é despiciendo.

Praticamente, pura e simplesmente, a falsidade por omissão.

22. «O Trabalhador», que se propõe como guia mental dos operários, para os incitar às atitudes de revolta, guarda silêncio acerca de quanto se tem feito neste domínio.

Para tanto esquece a obra das Casas Económicas, nas quais se investiram já 123 mil contos e que prossegue metódicamente a partir de 1933.

Esquece:

a) que já se construíram 29 bairros, que compreendem 5,572 moradias, das quais 3,458 em Lisboa;

b) que estão em construção 2,100 moradias, das quais 300 em Lisboa;

c) que se encontram em breve mais 3,510 moradias, das quais 3,154 em Lisboa.

Na «Capital do Império» haverá, então, 6,912 moradias económicas, habitadas por cerca de 35 mil pessoas.

Quase 7 mil famílias de trabalhadores terão assim a posse e a propriedade de um lar sadio e alegre, nas melhores condições de higiene física e moral.

Igualmente se esquece o financiamento pelo Estado dos bairros de casas para pobres e casas desmontáveis. Como se esquece a acção desenvolvida pelas instituições de previdência no fomento da construção de casas de renda económica e de renda limitada, com vista à solução do problema habitacional da classe média, da qual necessariamente virá a resultar um benefício desconhecimento das zonas acessíveis aos operários.

23. E não é difícil descobrir noutros números do jornal o mesmo motivo dos «bairros miseráveis», desacompanhados de qualquer referência à obra em curso, ao esforço despendido, ao que já se realizou e às esperanças mais legítimas de uma resolução completa do problema.

Nada disso conta para «O Trabalhador».

Mais que as 5,572 moradias, já construídas e habitadas por 23,400 pessoas, vale a certeza que transmite aos operários de que «os de «O Trabalhador» vão pensar no assunto.

V  
AINDA A PREVIDÊNCIA EM CAUSA

24. No número 3 de «O Trabalhador» publica-se uma carta em que se fazem aos médicos de uma caixa sindical, que se não designa, acusações lesivas da sua dignidade profissional.

O semanário garante que conhece a pessoa que escreveu a carta e por isso a corrobora, dizendo que está em causa o prestígio da Federação das Caixas.

Porque assim é, não terá dúvida «O Trabalhador» em facilitar a defesa legítima desse mesmo prestígio, identificando o autor da carta, publicada a coberto do anonimato, e concretizando os factos no processo criminal que não deixará de ser instaurado por quem de direito.

É ou não assim?

6  
MAIS UMA FALSIDADE POR OMISSÃO

25. Seria extenso, árduo e confrangedor respirar nos quatro números de «O Trabalhador» todos os outros casos de flagrante deturpação dos factos ou de deformação da verdade pelo processo clássico da omissão.

Citamos apenas como exemplo, o artigo em que, sob a epígrafe «Vão acabar os mendigos?» se põem na boca dos trabalhadores estas palavras:

«Se um de nós cai de cama ou é levado para o hospital em longa doença, que lhe resta, como prémio do tra-

balho, se não mendigar ou mandar mendigar?»

«Se um de nós envelhece que outra esperança lhe fica se não a esmola?»

Escreve-se isto e não se diz uma palavra a respeito da nossa organização de segurança social, como se efectivamente aos trabalhadores portugueses se reservasse como destino a mendicância, como se não se estivesse edificando uma obra que tende a garantir os contra os riscos de doença, de invalidez e de velhice, como se não se tivesse ainda dado um passo na tarefa que se tomou a peito levar a cabo.

Ainda se compreendia a atitude se o jornal se propuzesse francamente e francamente confessasse intuítos de violenta subversão social.

Mas «O Trabalhador» pretende, justamente, combater «contra o ódio», o linha geral, as contumélies pessoais, e filtrando aqui e ali, a afirmação como órgão de defesa das suas reivindicações e que, à força de viciar a verdade, só poderá comprometê-las.

Ainda se compreendia a atitude se o jornal se propuzesse francamente e francamente confessasse intuítos de violenta subversão social.

Mas «O Trabalhador» pretende, justamente, combater «contra o ódio», o linha geral, as contumélies pessoais, e filtrando aqui e ali, a afirmação como órgão de defesa das suas reivindicações e que, à força de viciar a verdade, só poderá comprometê-las.

Ainda se compreendia a atitude se o jornal se propuzesse francamente e francamente confessasse intuítos de violenta subversão social.

Mas «O Trabalhador» pretende, justamente, combater «contra o ódio», o linha geral, as contumélies pessoais, e filtrando aqui e ali, a afirmação como órgão de defesa das suas reivindicações e que, à força de viciar a verdade, só poderá comprometê-las.

Ainda se compreendia a atitude se o jornal se propuzesse francamente e francamente confessasse intuítos de violenta subversão social.

Mas «O Trabalhador» pretende, justamente, combater «contra o ódio», o linha geral, as contumélies pessoais, e filtrando aqui e ali, a afirmação como órgão de defesa das suas reivindicações e que, à força de viciar a verdade, só poderá comprometê-las.

Ainda se compreendia a atitude se o jornal se propuzesse francamente e francamente confessasse intuítos de violenta subversão social.

Mas «O Trabalhador» pretende, justamente, combater «contra o ódio», o linha geral, as contumélies pessoais, e filtrando aqui e ali, a afirmação como órgão de defesa das suas reivindicações e que, à força de viciar a verdade, só poderá comprometê-las.

Ainda se compreendia a atitude se o jornal se propuzesse francamente e francamente confessasse intuítos de violenta subversão social.

Mas «O Trabalhador» pretende, justamente, combater «contra o ódio», o linha geral, as contumélies pessoais, e filtrando aqui e ali, a afirmação como órgão de defesa das suas reivindicações e que, à força de viciar a verdade, só poderá comprometê-las.

Ainda se compreendia a atitude se o jornal se propuzesse francamente e francamente confessasse intuítos de violenta subversão social.

Mas «O Trabalhador» pretende, justamente, combater «contra o ódio», o linha geral, as contumélies pessoais, e filtrando aqui e ali, a afirmação como órgão de defesa das suas reivindicações e que, à força de viciar a verdade, só poderá comprometê-las.

Ainda se compreendia a atitude se o jornal se propuzesse francamente e francamente confessasse intuítos de violenta subversão social.

Mas «O Trabalhador» pretende, justamente, combater «contra o ódio», o linha geral, as contumélies pessoais, e filtrando aqui e ali, a afirmação como órgão de defesa das suas reivindicações e que, à força de viciar a verdade, só poderá comprometê-las.

Ainda se compreendia a atitude se o jornal se propuzesse francamente e francamente confessasse intuítos de violenta subversão social.

Mas «O Trabalhador» pretende, justamente, combater «contra o ódio», o linha geral, as contumélies pessoais, e filtrando aqui e ali, a afirmação como órgão de defesa das suas reivindicações e que, à força de viciar a verdade, só poderá comprometê-las.

Ainda se compreendia a atitude se o jornal se propuzesse francamente e francamente confessasse intuítos de violenta subversão social.

Mas «O Trabalhador» pretende, justamente, combater «contra o ódio», o linha geral, as contumélies pessoais, e filtrando aqui e ali, a afirmação como órgão de defesa das suas reivindicações e que, à força de viciar a verdade, só poderá comprometê-las.

Ainda se compreendia a atitude se o jornal se propuzesse francamente e francamente confessasse intuítos de violenta subversão social.

Mas «O Trabalhador» pretende, justamente, combater «contra o ódio», o linha geral, as contumélies pessoais, e filtrando aqui e ali, a afirmação como órgão de defesa das suas reivindicações e que, à força de viciar a verdade, só poderá comprometê-las.

Ainda se compreendia a atitude se o jornal se propuzesse francamente e francamente confessasse intuítos de violenta subversão social.

Mas «O Trabalhador» pretende, justamente, combater «contra o ódio», o linha geral, as contumélies pessoais, e filtrando aqui e ali, a afirmação como órgão de defesa das suas reivindicações e que, à força de viciar a verdade, só poderá comprometê-las.

Ainda se compreendia a atitude se o jornal se propuzesse francamente e francamente confessasse intuítos de violenta subversão social.

Mas «O Trabalhador» pretende, justamente, combater «contra o ódio», o linha geral, as contumélies pessoais, e filtrando aqui e ali, a afirmação como órgão de defesa das suas reivindicações e que, à força de viciar a verdade, só poderá comprometê-las.

Ainda se compreendia a atitude se o jornal se propuzesse francamente e francamente confessasse intuítos de violenta subversão social.

Mas «O Trabalhador» pretende, justamente, combater «contra o ódio», o linha geral, as contumélies pessoais, e filtrando aqui e ali, a afirmação como órgão de defesa das suas reivindicações e que, à força de viciar a verdade, só poderá comprometê-las.

Ainda se compreendia a atitude se o jornal se propuzesse francamente e francamente confessasse intuítos de violenta subversão social.

Mas «O Trabalhador» pretende, justamente, combater «contra o ódio», o linha geral, as contumélies pessoais, e filtrando aqui e ali, a afirmação como órgão de defesa das suas reivindicações e que, à força de viciar a verdade, só poderá comprometê-las.

balho, se não mendigar ou mandar mendigar?»

«Se um de nós envelhece que outra esperança lhe fica se não a esmola?»

Escreve-se isto e não se diz uma palavra a respeito da nossa organização de segurança social, como se efectivamente aos trabalhadores portugueses se reservasse como destino a mendicância, como se não se estivesse edificando uma obra que tende a garantir os contra os riscos de doença, de invalidez e de velhice, como se não se tivesse ainda dado um passo na tarefa que se tomou a peito levar a cabo.

Ainda se compreendia a atitude se o jornal se propuzesse francamente e francamente confessasse intuítos de violenta subversão social.

Mas «O Trabalhador» pretende, justamente, combater «contra o ódio», o linha geral, as contumélies pessoais, e filtrando aqui e ali, a afirmação como órgão de defesa das suas reivindicações e que, à força de viciar a verdade, só poderá comprometê-las.

Ainda se compreendia a atitude se o jornal se propuzesse francamente e francamente confessasse intuítos de violenta subversão social.

Mas «O Trabalhador» pretende, justamente, combater «contra o ódio», o linha geral, as contumélies pessoais, e filtrando aqui e ali, a afirmação como órgão de defesa das suas reivindicações e que, à força de viciar a verdade, só poderá comprometê-las.

Ainda se compreendia a atitude se o jornal se propuzesse francamente e francamente confessasse intuítos de violenta subversão social.

Mas «O Trabalhador» pretende, justamente, combater «contra o ódio», o linha geral, as contumélies pessoais, e filtrando aqui e ali, a afirmação como órgão de defesa das suas reivindicações e que, à força de viciar a verdade, só poderá comprometê-las.

Ainda se compreendia a atitude se o jornal se propuzesse francamente e francamente confessasse intuítos de violenta subversão social.

Mas «O Trabalhador» pretende, justamente, combater «contra o ódio», o linha geral, as contumélies pessoais, e filtrando aqui e ali, a afirmação como órgão de defesa das suas reivindicações e que, à força de viciar a verdade, só poderá comprometê-las.

Ainda se compreendia a atitude se o jornal se propuzesse francamente e francamente confessasse intuítos de violenta subversão social.

Mas «O Trabalhador» pretende, justamente, combater «contra o ódio», o linha geral, as contumélies pessoais, e filtrando aqui e ali, a afirmação como órgão de defesa das suas reivindicações e que, à força de viciar a verdade, só poderá comprometê-las.

Ainda se compreendia a atitude se o jornal se propuzesse francamente e francamente confessasse intuítos de violenta subversão social.

Mas «O Trabalhador» pretende, justamente, combater «contra o ódio», o linha geral, as contumélies pessoais, e filtrando aqui e ali, a afirmação como órgão de defesa das suas reivindicações e que, à força de viciar a verdade, só poderá comprometê-las.

Ainda se compreendia a atitude se o jornal se propuzesse francamente e francamente confessasse intuítos de violenta subversão social.

Mas «O Trabalhador» pretende, justamente, combater «contra o ódio», o linha geral, as contumélies pessoais, e filtrando aqui e ali, a afirmação como órgão de defesa das suas reivindicações e que, à força de viciar a verdade, só poderá comprometê-las.

Ainda se compreendia a atitude se o jornal se propuzesse francamente e francamente confessasse intuítos de violenta subversão social.

Mas «O Trabalhador» pretende, justamente, combater «contra o ódio», o linha geral, as contumélies pessoais, e filtrando aqui e ali, a afirmação como órgão de defesa das suas reivindicações e que, à força de viciar a verdade, só poderá comprometê-las.

Ainda se compreendia a atitude se o jornal se propuzesse francamente e francamente confessasse intuítos de violenta subversão social.

Mas «O Trabalhador» pretende, justamente, combater «contra o ódio», o linha geral, as contumélies pessoais, e filtrando aqui e ali, a afirmação como órgão de defesa das suas reivindicações e que, à força de viciar a verdade, só poderá comprometê-las.

Ainda se compreendia a atitude se o jornal se propuzesse francamente e francamente confessasse intuítos de violenta subversão social.

Mas «O Trabalhador» pretende, justamente, combater «contra o ódio», o linha geral, as

SECÇÃO DIRIGIDA POR CÉSAR

A nossa secção vai de vento em popa, a avaliar pela correspondência que temos recebido e que continuamos a receber.

Muito nos desvancem certos comentários, para não dizer elogios, mas devemos declarar que não nos importamos de receber algumas críticas ao nosso critério de orientação e selecção, se de facto houvesse lugar para elas.

A não virem, manteremos a mesma orientação.

PARADOXOS E DISPARATES

Se as mulheres não fizessem tantas perguntas, os homens não mentiriam tantas vezes.

Uma declaração de amor é sempre romântica, se não for feita por um gaço.

Se chorar por ter perdido o sol, as lágrimas não te deixarão ver as estrelas.

A inveja é a mais involuntária e a mais lisonjeira das lisonjas.

Um homem (e uma mulher também) só começa a ser velho quando começa a disfarçá-lo.

Quem más fadas não acha, das boas se enfada.

Se as rezas de cão chegassem ao céu, choveriam ossos.

Quem muito fala e pouco sabe, de asno se gabe.

Não se saberá nunca qual é pior: não ter apetite para o almoço ou não ter almoço para o apetite.

Para medir distâncias, inventou-se o metro; para medir temperaturas, o termómetro; para medir as costas... o marmelero.

SE QUER SORRIR...

Janeyo rigoroso. O Simplicio anda de corpo bem feito.

— Não tens frio? — pergunta-lhe um amigo.

— E para que o quero eu, se não tenho sobretudo?

RESPONDA SE SABE...

(e se não souber, leia um dos próximos números)

OFERECE-SE

Operário de 30 anos, especializado em trabalhos de borracha, oferece-se para a referida indústria ou qualquer outra onde se adaptar com facilidade a qualquer trabalho.

Resposta a este jornal.

1) Juntando um litro de água e um litro de álcool a noventa graus, que quantidade se perfaz?

2) Que é numismática?

3) Há quantos anos existe o mundo, tendo em conta as mais recentes conclusões dos arqueólogos?

4) Que diferença há entre um índio e um hindu?

5) Porque se chama índios aos nativos do Brasil?

6) Que quer dizer *ariete*?

7) Por que se diz *portuguesamente*, e não *portuguesadamente*?

Como de costume, as respostas serão publicadas 15 dias depois.

Respostas ao n.º 5

1) São 14 horas. Explicando: O tempo que passou, mais o tempo que há-de passar, é igual a 12 horas. Admitindo que o tempo que falta para a meia noite é  $\frac{1}{2}$  de  $x$ , 12 horas será igual a  $\frac{1}{2}$  de  $x$ , que faltam para a meia noite mais  $\frac{1}{2}$  que já passou.

Daí  $(\frac{1}{2}x + \frac{1}{2})x = 12$ ;  $\frac{1}{2}x \times x = 12$ ;  $x = \frac{24}{2} = 12$  horas

24 h. (meia noite) — 10 h. = 14 h.

2) O ângulo formado pelos ponteiros de um relógio ao meio-dia e um quarto, nunca pode ser de 45º nem de 90º, como alguns precipitadamente responderam, mas sim de 82º e 30'.

E o cálculo é fácil.

Numa hora, o ponteiro das horas anda 30' (cinco minutos no mostrador); num quarto de hora andará quatro vezes menos ou seja 7º e 30'; esta distância circular abate-se ao ângulo recto (90º) que os dois ponteiros formariam se o das horas estivesse parado enquanto o dos minutos avança até ao quarto de hora.

Compreendido?

3) A palavra portuguesa que contém todas as letras do alfabeto, não será ALFABETO?

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 5

Desta vez dirigimo-nos aos «constructores» de problemas. Os «decifradores» também podem tentar.

Pequeno num papel quadrado, marquem, para maior facilidade, um quadrado de 9 por 9, e façam um problema sem nenhuma quadrícula negra.

Assim, para apresentar o melhor problema, com menos palavras exóticas ou invertidas, atribuiremos um prémio: uma assinatura semestral de «O Trabalhador».

Será impossível? Será difícil?

Não sabe que fazer, ou não dispõe de tempo, para se habilitar aos benefícios concedidos pela sua CAIXA DE PREVIDÊNCIA OU ABONO?...

A Agência Carcel, Lda. com sede na Rua Rodrigues Sampaio, 78-2.º — Lisboa, de cuja gerência e quadro de pessoal fazem parte ex-funcionários daquelas Organizações, de competência comprovada, informa-o, adquire-lhe todos os documentos que lhe forem necessários — mesmo nos lugares mais distantes do Globo — forma-lhe o processo e entrega-o na Caixa para onde desconta, tudo por uma insignificante taxa de serviço.

Trata ainda de: — Preenchimento de impressos e pagamento das contribuições daqueles Organismos, bem como, de quaisquer outras contribuições ou licenças e de todos os assuntos relacionados com automóveis, junto das respectivas repartições.

Tentem, até mesmo os decifradores. Os desenhos devem ser executados a nanquim.

Solução do problema n.º 3

Horizontais: 1 — cal. 2 — salas. 3 — Aruba. 4 — Sódio. 5 — Rol. Lo: Fel. 6 — Colono; Leiria. 7 — Omeça; cavam. 8 — Aparos, Podara. 9 — Oro, Ira; Asa. 10 — Unira. 11 — Vexar. 12 — Atado. 13 — Asa.

Verticais: 1 — Coa. 2 — Rompo. 3 — Olear. 4 — Logro. 5 — Sás; Não; Uva. 6 — Carolo; Sineia. 7 — Aludo; Rixas. 8 — Labial; Parada. 9 — São; Eco; Aro. 10 — Fiara. 11 — Ervas. 12 — Liara. 13 — Ama.

EMBARCAÇÕES

Batel, chalupa, varino, galera, lanca, gôndola, saveiro, brique, escaler, iote, bergantim, caique, falua, galcota, vapor, escuma, caravela.

Nota: Começa a generalizar-se o emprego da palavra *iote*, quanto a nós e em oposição a muitos entendidos, esta forma é errada, devendo dizer-se IATE.

Aprofundamos o estudo desta questão em trabalho da especialidade e chegamos a essa conclusão baseada em estudos de gramática comparada. É possível que exponhamos esta conclusão em um dos próximos números.

Se, entretanto, algum leitor se quiser pronunciar sobre o assunto, aí fica a pergunta: Deve dizer-se IOTE ou IATE? Responda quem souber.

CORRESPONDÊNCIA

Não nos foi possível ainda, neste número, ordenar a correspondência recebida, de maneira a registarmos os nomes ou pseudónimos dos decifradores e respondermos a algumas questões postas. O atraso, porém, não impede que a seu tempo os publicuemos.

E para evitar irregularidades na recepção, será preferível que os leitores fixem a direcção do autor desta secção e lhe enviem directamente a correspondência para casa.

Uma observação: Há um leitor que nos oferece a sua colaboração, com problemas de palavras cruzadas. De bom grado a aceitamos. Mas terá, em primeiro lugar, de nos explicar a dualidade de pseudónimos que usa.

Trata-se dum leitor com dois pseudónimos (não dizemos quais), com duas moradas e que numa das cartas que nos manda tem os mesmos erros sistemáticos da outra, embora assinada com nomes e pseudónimos diferentes.

Assim, considera como grialha, nas duas respostas, a palavra *nomarca*, substituindo-a por *monarca*.

Note-se que um exemplo entre muitos. Não compreendemos essa dualidade, por isso a não admitimos.

Toda a correspondência da secção «Aprender sem querer» deverá ser enviada de preferência e sem mais indicações, para:

César Afonso  
Calçada dos Barbadinhos, n.º 30-1.º  
LISBOA

ASPECTOS ACTUAIS DO ENSINO

(Continuação da 1.ª pag.)

3.º Ano

Total .....	42.28
Rapazes .....	64.34
Rapazes-Dia .....	48
Rapazes-Noite .....	23.22

A diferença notável verificada entre os números referentes a raparigas e rapazes que frequentam as escolas diurnas, não se explica evidentemente por motivo de desigualdade intelectual.

É uma questão de disciplina, e traz à superfície a crise da educação da juventude. É o cigarro e o namorico quase antes da puberdade, é o cinema «incontrolado», são as revistas pelo menos semi-pronográficas, a falta de respeito pelos pais e mestres, etc. É o mau caminho por onde começam a trilhar, desde pequenos, os homens de amanhã.

Mas o maior desvelado demonstrado pelos números que acima apresentamos é o que se verifica entre o ensino diurno e o nocturno.

Aqui, encontra-se principalmente o efeito duma situação económica e social.

Trabalhar oito horas, por vezes em não muito boas condições, e seguir para a escola onde a última aula termina muitas vezes às 11 horas da noite... é esforço de que não será justo esperar melhores resultados.

Ensino Comercial	Ensino Industrial
1.º Ano — 11.282	1.º Ano — 6.347
2.º » — 8.024	2.º » — 4.335
3.º » — 4.538	3.º » — 3.228
4.º » — 2.042	4.º » — 2.081
5.º » — 583	5.º » — 1.774
6.º » — 83	6.º » — 289

O OPERARIADO E O FUTURO DA PÁTRIA

(Continuação da 1.ª pag.)

A posição do nosso jornal assenta nesta certeza de que, para além da contingência do dia de hoje, está o nosso dever de servir a Nação no seu presente, é certo, mas sobretudo no seu futuro.

Se comparássemos estes números com os que representam as «passagens» de ano, verificávamos que cerca de metade dos que não «passamos» ao ano seguinte, não se matriculam de novo como repetentes. É assim que, ficando para trás todos os que vão desanimando, apenas um pequeno número de privilegiados, consegue atingir a meta final.

Oxalá que a reforma agora anunciada, venha alterar profundamente este estado de coisas e tornar verdadeiramente eficiente o ensino profissional.



Pneus e câmaras de ar  
**MABOR**

Produção da  
Manufactura Nacional de Borracha

Recetta: Passa-se o desenho para o tecido com papel químico velho (para não sujar o tecido). Pode também riscar-se pelo avesso o papel que tem o desenho com um lápis macio. Assim o próprio papel serve de químico.

Pode bordar-se um naperon aos quatro cantos com o mesmo desenho ou só as pontas, pode esquinar-se ou bordar-se a direito — fica sempre bem.

No próximo número damos mais desenhos para bordar a «ponta pé de flor» e ideias para melhor os aproveitar.



Copyright 1947, King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.



A FELICIDADE DE NOTAS É IMPOSSÍVEL?

A felicidade do lar! É o grande sonho de todos os que constroem um lar.

E afinal... Afinal quantas vezes se desfaço o sonho perante as realidades! Tudo aquilo que se ideou desaparece em face do dia a dia, tão diferente do que se esperava. As palavras de amor, de fidelidade eterna, de compreensão mútua, sucedem a indiferença, a palavra seca, o ralho.

Como é fácil de encontrar, a felicidade, se a procurarmos onde ela está. A maior parte das vezes, a causa dos desacordos, das incompreensões, está na ignorância. Sim, na ignorância do que somos nós e do que são os outros.

Quem diz um lar, diz, antes de mais nada, um homem e uma mulher, intimamente unidos num destino comum, inteiramente ligados para uma obra a dois: a geração dos filhos e a sua educação.

Parece que deveriam ser iguais, perfeitamente iguais para realizarem a meias, a tarefa do lar. Mas a natureza, que os fez iguais em direitos, também os fez diferente na missão a cumprir, e a ambos incompletos. Nenhum dos dois se basta a si mesmo, ambos são dependentes um do outro, para que sintam a necessidade de se unir para que tenham obrigação de se amar, para que se completem um ao outro, e encontrem nisto a felicidade.

A diferença que existe entre o homem e a mulher não é apenas de ordem física ou corporal. Eles são diferentes nas suas faculdades sentimentais e espirituais. Vêm, por isso, a vida, o lar, a educação dos filhos de forma diversa. Sentem e pensam as coisas de maneira diferente. E esta diferença, que deveria ser a força do lar, a garantia do seu exito, a maior parte da vezes, por se imaginar que eles são diferentes na ordem física ou corporal, é precisamente a causa da sua incompreensão.

No próximo número, vamos estudar o grande problema. Estudá-lo a preceito, para que tanto um como outro, comecem a saber o que são, como reagem, e até que ponto são culpados eles mesmos da sua infelicidade e do vazio de seu lar.

«— Assim farei, — respondeu a Mulher, — porque estou cheia de trabalho!»

Mal a Mulher atou o fio à roda da roca, o Gato começou a executar uma sarabanda atrás do fio, como se procurasse algum rato, e a Crianzinha ria, e batia palmas, e procurava agarrar também. Tanto se divertiu, que adormeceu com o Gato ao colo.

«— Agora, — anunciou o Gato, ao vê-lo adormecido, — vou cantar-lhe uma canção que o fará dormir uma hora bem puxada!» E sem se fazer rogar, começou no mais sonoro dos «rom-rons».

«— Que descansou! — disse a Mulher. — Não há dúvida que é muito esperto o Gato!»

Palavras não eram ditas, que o fumo da lareira se não espalhasse pela caverna, — é que o fogo recordara a promessa, e quando a nuvem se dissipou, o Gato estava confortavelmente enroscado no borralho.

«— O meu Inimigo, Mulher, e Mãe dos meus Inimigos, cá estou sentado à tua lareira! Mas lembra-te que serás sempre o Gato que só faz o que lhe apetece!»

A Mulher estava zangadíssima, mas como se fazia tarde, foi pôr o leite ao lume.

Nisto ouviu-se na caverna um pequeno ruído. A Mulher olhou em

CUIDADOS A TER COM OS DENTES

— Tenho de ir ao dentista, Pai! Há dois dias que não durmo com dores neste queixal que não me largam. Se calhar tenho de o arrancar. Lá à broca é que não quero ir! Prefiro arrancá-lo.

— Mas tens algum furo?  
— Tenho! Lá furo tenho eu.  
— Então podes clumhá-lo.  
— Não! Nessa não caio eu! Prefiro arrancá-lo! Ao menos é dor de uma vez só.  
— És tolo, Pai!

NOÇÕES DE PUERICULTURA

CUIDADOS A TER COM O SEU MENINO

1. Prepare-se para a sua chegada

Agora que espera um filho precisa de conhecer aquilo que melhor lhe pode aproveitar. Tem de consultar o médico, pensar no local no local do nascimento do pequenino, na melhor maneira de conservar a saúde enquanto não chega, e começar a preparar a roupa e o berço do Menino. Tudo isto pode dar-lhe imenso prazer.

Não deverá encarar a gravidez como uma doença — pelo contrário é natural que durante este período se sinta como nos seus melhores dias. Os seus cabelos estarão cheios de bilho, a sua pele fina e macia, sem impurezas, os seus músculos mais firmes. Sentirá muito mais calma e tranquilidade, será mais sensível às belezas da criação, toda compenetrada do profundo mistério de que uma nova vida a habita.

A expectativa dum filho deve ser para uma mulher fonte de entusiasmo e contentamento.

É claro que, às vezes, pode ainda estar a recuperar forças depois de um parto laborioso quando se anuncia o novo período de gravidez; ou pode lutar com dificuldades domésticas inquietantes; ou poderá estar casada há pouco e com a sua inexperiência ver-se ainda em apuros para fazer o ordenado do marido chegar para as despesas comuns; ou poderá ser que olhe simplesmente para tantas bobinhas já a encher e pense cheia de cuidados no futuro... Mas, mesmo nestes casos, faça por não se preocupar demasiado. Aceite a situação sem comentários com bom humor e decisão.

lutar com dificuldades domésticas inquietantes; ou poderá estar casada há pouco e com a sua inexperiência ver-se ainda em apuros para fazer o ordenado do marido chegar para as despesas comuns; ou poderá ser que olhe simplesmente para tantas bobinhas já a encher e pense cheia de cuidados no futuro... Mas, mesmo nestes casos, faça por não se preocupar demasiado. Aceite a situação sem comentários com bom humor e decisão.

Quem tenha os dentes muito amarelados aqui tem uma receita para os lavar: Bicarbonato de soda da cozinha lava e branqueia extraordinariamente. Há quem não goste do seu sabor adocicado, mas logo que se acostume, não passará sem ele. A receita é simples: humedece-se a escova e foca-se ao de leve com ela na superfície do bicarbonato de soda guardado numa caixa. Depois lavam-se os dentes. A caixa do pó deve fechar bem; caso contrário umedece, porque chupa a umidade do ar.

Na América vende-se bicarbonato

1 litro de álcool puro.  
20 gr. de tintura de cochenila.  
20 gr. de tintura de benjoim.  
5 gr. de essência de badiana.  
5 gr. de essência de hortelã-pimenta.  
30 gotas de essência de cravo.

Mistura-se o álcool, aos poucos, com as essências. Depois de tudo bem misturado num frasco, vazia-se uma parte para o frásquinho que está a uso.

Quem tenha os dentes muito amarelados aqui tem uma receita para os lavar: Bicarbonato de soda da cozinha lava e branqueia extraordinariamente. Há quem não goste do seu sabor adocicado, mas logo que se acostume, não passará sem ele. A receita é simples: humedece-se a escova e foca-se ao de leve com ela na superfície do bicarbonato de soda guardado numa caixa. Depois lavam-se os dentes. A caixa do pó deve fechar bem; caso contrário umedece, porque chupa a umidade do ar.

Na América vende-se bicarbonato

A MULHER E O GATO

(Continuação do número anterior)

A Mulher ficou furiosa, mas calou-se por lhe parecer mais prudente e pôs-se a fumar.

«— Eu vou ensiná-lo — disse o Gato, — e dum salto matou e comeu o pobre animal! — Obrigada, — disse a Mulher, ao ver passar o perigo. — O Menino nem sequer acordou. Obrigada! És muito esperto!»

Neste mesmo instante, o cântaro de barro onde a Mulher usera o leite, rebentou, abrindo-se em dois, — pois recordou-se da promessa — e qual não foi o espanto da Mulher ao ver o Gato, muito sossegado, a beber o leite que se entornara pelo chão da caverna!

«— O minha Inimiga, Mãe e Mulher dos meus Inimigos! Finalmente disseste três palavras em meu favor. Aqui me tens para sempre a beber o meu rico leitinho. Mas lembra-te que sempre serás o Gato que anda por onde quer e só faz o que lhe apetece.»

A Mulher resolveu levar o caso com alegria e respondeu: «— Está bem, mas veremos o que diz o Homem quando vier!»

A noite, chegaram o Homem, o Cão e o Cavalo.

A Mulher, embora lhe custasse, contou o sucedido.

O Homem ouviu e por fim comentou: «Está bem, mas eu nada prometi! O Gato fica, mas quando eu o vir, poderei atirar-lhe de vez em quando com uma das minhas botas, para lhe lembrar que cá em casa mando eu!»

«— Está bem, — disse o Cão, — mas eu nada prometi. Em casa manda o Homem, mas mal eu te encontro na rua, não terá fim a nossa guerra! Só te deixo como refúgio os troncos das árvores.»

de soda às toneladas em caixas lacradas e com lreiteiro de «sabão para os dentes!»

Nós, cá, vamos à droguaria...

NOÇÕES DE PUERICULTURA

CUIDADOS A TER COM O SEU MENINO

1. Prepare-se para a sua chegada

Agora que espera um filho precisa de conhecer aquilo que melhor lhe pode aproveitar. Tem de consultar o médico, pensar no local no local do nascimento do pequenino, na melhor maneira de conservar a saúde enquanto não chega, e começar a preparar a roupa e o berço do Menino. Tudo isto pode dar-lhe imenso prazer.

Não deverá encarar a gravidez como uma doença — pelo contrário é natural que durante este período se sinta como nos seus melhores dias. Os seus cabelos estarão cheios de bilho, a sua pele fina e macia, sem impurezas, os seus músculos mais firmes. Sentirá muito mais calma e tranquilidade, será mais sensível às belezas da criação, toda compenetrada do profundo mistério de que uma nova vida a habita.

A expectativa dum filho deve ser para uma mulher fonte de entusiasmo e contentamento.

É claro que, às vezes, pode ainda estar a recuperar forças depois de um parto laborioso quando se anuncia o novo período de gravidez; ou pode lutar com dificuldades domésticas inquietantes; ou poderá estar casada há pouco e com a sua inexperiência ver-se ainda em apuros para fazer o ordenado do marido chegar para as despesas comuns; ou poderá ser que olhe simplesmente para tantas bobinhas já a encher e pense cheia de cuidados no futuro... Mas, mesmo nestes casos, faça por não se preocupar demasiado. Aceite a situação sem comentários com bom humor e decisão.

lutar com dificuldades domésticas inquietantes; ou poderá estar casada há pouco e com a sua inexperiência ver-se ainda em apuros para fazer o ordenado do marido chegar para as despesas comuns; ou poderá ser que olhe simplesmente para tantas bobinhas já a encher e pense cheia de cuidados no futuro... Mas, mesmo nestes casos, faça por não se preocupar demasiado. Aceite a situação sem comentários com bom humor e decisão.

Quem tenha os dentes muito amarelados aqui tem uma receita para os lavar: Bicarbonato de soda da cozinha lava e branqueia extraordinariamente. Há quem não goste do seu sabor adocicado, mas logo que se acostume, não passará sem ele. A receita é simples: humedece-se a escova e foca-se ao de leve com ela na superfície do bicarbonato de soda guardado numa caixa. Depois lavam-se os dentes. A caixa do pó deve fechar bem; caso contrário umedece, porque chupa a umidade do ar.

Na América vende-se bicarbonato

1 litro de álcool puro.  
20 gr. de tintura de cochenila.  
20 gr. de tintura de benjoim.  
5 gr. de essência de badiana.  
5 gr. de essência de hortelã-pimenta.  
30 gotas de essência de cravo.

Mistura-se o álcool, aos poucos, com as essências. Depois de tudo bem misturado num frasco, vazia-se uma parte para o frásquinho que está a uso.

Quem tenha os dentes muito amarelados aqui tem uma receita para os lavar: Bicarbonato de soda da cozinha lava e branqueia extraordinariamente. Há quem não goste do seu sabor adocicado, mas logo que se acostume, não passará sem ele. A receita é simples: humedece-se a escova e foca-se ao de leve com ela na superfície do bicarbonato de soda guardado numa caixa. Depois lavam-se os dentes. A caixa do pó deve fechar bem; caso contrário umedece, porque chupa a umidade do ar.

Na América vende-se bicarbonato

A MULHER E O GATO

(Continuação do número anterior)

A Mulher ficou furiosa, mas calou-se por lhe parecer mais prudente e pôs-se a fumar.

«— Eu vou ensiná-lo — disse o Gato, — e dum salto matou e comeu o pobre animal! — Obrigada, — disse a Mulher, ao ver passar o perigo. — O Menino nem sequer acordou. Obrigada! És muito esperto!»

Neste mesmo instante, o cântaro de barro onde a Mulher usera o leite, rebentou, abrindo-se em dois, — pois recordou-se da promessa — e qual não foi o espanto da Mulher ao ver o Gato, muito sossegado, a beber o leite que se entornara pelo chão da caverna!

«— O minha Inimiga, Mãe e Mulher dos meus Inimigos! Finalmente disseste três palavras em meu favor. Aqui me tens para sempre a beber o meu rico leitinho. Mas lembra-te que sempre serás o Gato que anda por onde quer e só faz o que lhe apetece.»

A Mulher resolveu levar o caso com alegria e respondeu: «— Está bem, mas veremos o que diz o Homem quando vier!»

A noite, chegaram o Homem, o Cão e o Cavalo.

A Mulher, embora lhe custasse, contou o sucedido.

O Homem ouviu e por fim comentou: «Está bem, mas eu nada prometi! O Gato fica, mas quando eu o vir, poderei atirar-lhe de vez em quando com uma das minhas botas, para lhe lembrar que cá em casa mando eu!»

«— Está bem, — disse o Cão, — mas eu nada prometi. Em casa manda o Homem, mas mal eu te encontro na rua, não terá fim a nossa guerra! Só te deixo como refúgio os troncos das árvores.»

Adaptação de ADRIANA RODRIGUES

# O TRABALHADOR

NO MUNDO DO TRABALHO



## A voz dos nossos camaradas

Como publicámos nestas colunas a carta de José Claro — que gostaríamos de conhecer pessoalmente ou ao menos a sua direcção — também não queremos deixar de publicar a carta que segue:

Sr. Director:

Com que desolação li a carta de um nosso camarada, que por ideais políticos, ou má visão se coloca atrás da máscara da incompreensão, apelidando-se de Marxista.

Se isto fosse o suficiente para se julgar emancipado de todos aqueles que com boa fé procuram um bem comum, salutar e digno, eu perguntaria a este amigo se a sua forma de pensar é motivo para repudiar os camaradas que vêm neste jornal um paladino sincero, que nos convida a uma união de paz e concórdia, para podermos atingir um dia o bem estar a que todos temos direito.

Não é por ideais políticos, mas sim pela causa comum que devemos, nós operários lutar sem vacilar, mas com moderação e pausa.

Não é com violências que se alcançam justas e merecidas vitórias, mas sim com persistência e bom senso. Todos unidos em volta do mesmo ideal e da mesma causa: O nosso bem estar e dos nossos.

A paz e concórdia entre todos, sem preocupação de qualquer credo que não seja o nosso bem comum. Um operário que após oito horas de trabalho passadas numa oficina em cumprimento dos seus deveres profissionais, e que após este tempo busca no aconchego do lar, que deve ser o seu mundo, o descanso para reparação de forças para o dia seguinte, não deve ter tempo, nem por dever de consciência se deve embrenhar em antros políticos onde por vezes a moral peca pela ausência.

— Não querido amigo, o jornal não é «vosso», o jornal é nosso, é de todos aqueles que amam a paz e querem um dia verem realizadas as aspirações a que têm direito.

Desculpe Sr. Director e creia-me atenciosamente.

Anibal de Gaia

A carta que segue fala de um problema agudíssimo que havemos de tratar a seu tempo nestas colunas. Por agora, limitamo-nos a dizer que os jornais diários noticiaram uma nova lei de inquilinato que prevê a construção de novas casas de renda limitada e certos golpes no abuso a que se refere este nosso camarada. Mas o problema só se resolverá com a construção de muitas casas. Isso bastará para que todos os abusos desapareçam.

Sr. Director do jornal «O Trabalhador»:

Fundamentada na carestia de rendas de casa, venho solicitar de V. a cédula de um pequeno espaço do jornal que V. dirige.

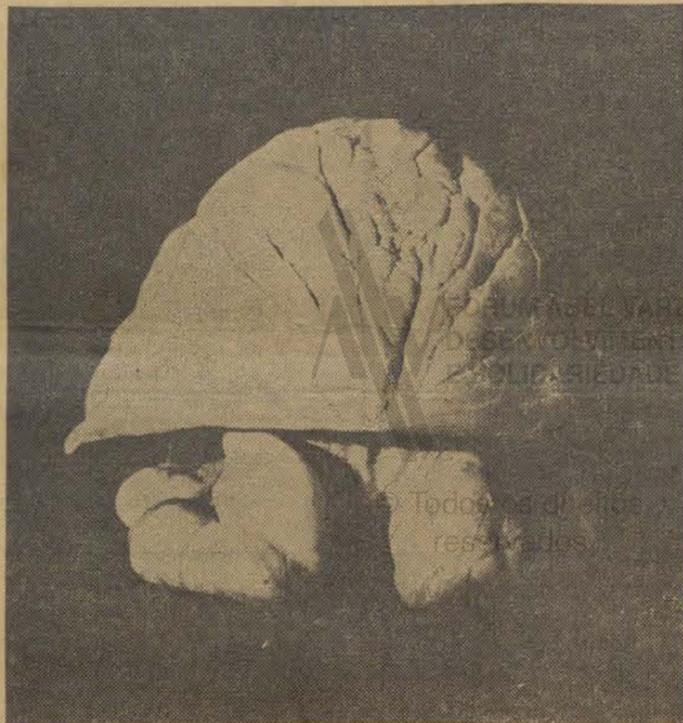
Como o meu ordenado não é suficiente para ter a categoria de inquilino, limito-me a ostentar a de hóspede, tendo como habitação um simples quarto e como cozinha uma parte da chaminé que a dona, ou seja a inquilina dessa casa, se digna dispensar-me. Não posso deixar de dizer que de todo o recheio que ornamenta o quarto, sou o único dono.

Deseja V. saber a quantia que disponho ao fim de cada mês para o pagamento da renda do dito quarto? Nada mais nada menos do que 250\$00 e, concordando com um dito antigo, também ajudo a dizer: «foi um cego achar um vintém», porque mesmo assim é difícil encontrar. Agora se V. me dá licença, eu pergunto:

Por que não é criada uma fiscalização para não deixar que os senhorios explorem os inquilinos e estes por sua vez recebam dos hóspedes um total superior àquele que pagam aos seus senhorios? Torna-se necessário haver justiça para castigar estes negociantes clandestinos que descaradamente roubam o suor daqueles que têm a infelicidade de lhe cair nas mãos. Portanto justiça, só justiça é o meu clamor.

Agradecendo desde já, etc.

Manuel Augusto Moreira



O que é isto?  
Um cogumelo pouco vulgar?  
Ou uma tartaruga vista por trás?  
Simplemente uma noz, a que se tirou metade da casca e que o fotógrafo transformou desta forma mercê dos efeitos da luz e da sombra.

«New-York Times — Photos»

## UM ERRO DA CLASSE OPERÁRIA

Filho de trabalhadores rurais, conseqüi formar-me, mercê de circunstâncias especiais que aproveitei.

Jamais esqueci a minha origem plebeia e nunca me envaldeci pela minha posição, nem me envergonhei de lidar com os trabalhadores de todas as espécies.

Tenho-me interessado pelo problema social e mercê da minha profissão mantenho diariamente contacto com a classe operária.

A experiência mostrou-me até aqui uma triste realidade que tem sido focada nos dois primeiros números da 2.ª série de «O Trabalhador»: os operários não têm consciência do seu valor e pensam que só com soluções políticas vindas de fora poderão conseguir as suas aspirações dum nível de vida melhor.

Isto é grave e todos aqueles que se interessam pela questão social deviam aperceber-se deste facto e orientar a sua acção no sentido de valorizar técnica e moralmente o operário e de o tornar consciente e ativo da sua valorização.

António, quando aceitar trabalho combine logo o justo salário para no fim da semana não ser surpreendido

com um salário inferior e jurar depois ao seu amigo, sentado àquela mesa redonda que nós conhecemos,

### UM EXEMPLO A IMITAR

Na fábrica da Companhia de Produtos Resinosos de Alferrade, foram inaugurados, no sábado passado, refeitórios, cozinha e dormitórios para os operários.

Segundo nos informam, estas instalações são muito boas e devem-se ao interesse do director da empresa, Sr. José António Lagoa, pelo bem-estar dos seus operários.

No acto da inauguração, o director almoçou no refeitório com os seus operários e estes inauguraram o seu retrato nas novas instalações.

Damos com muito gosto esta notícia, pois estamos absolutamente convencidos de que o caminho do futuro está em maior colaboração entre os chefes e o pessoal, pois as empresas são obra comum e a produção também.

Este exemplo, oxalá seja imitado por todos,

## Nota Oficiosa

CONTINUAÇÃO

Subsecretariado das Corporações ou de quantos nele trabalham.

Aliás, um órgão que não é com certeza suspeito ao Senhor Subsecretário, «O Manifesto», órgão da «Acção Popular», de que é Presidente o senhor Doutor Marcelo Caetano, também Presidente da União Nacional, começa assim um artigo, saído no primeiro número do «Manifesto», da autoria do Dr. José de Penha Garcia:

A «Acção Popular» reconhece que sob o ponto de vista político interessa mais o que falta fazer do que aquilo que está feito».

E o «Manifesto», que saiu quase ao mesmo tempo que «O Trabalhador», dirigindo-se aos operários, num artigo da responsabilidade do movimento «Acção Popular», escreve:

«Nós somos pois, como tu, contra a ordem que dá trabalho sem salário justo, que deixa a família sem possibilidades de possuir casa onde se abrigue em condições higiénicas e morais e que crie todas as fadigas físicas e do

espírito, sem compensação, ao menos para doença e para a velhice.»

E mais adiante:

Queremos garantir-lhes, os direitos da sua própria natureza, abrindo-lhe o caminho ascendente e acabando de vez, com uma ordem que para existir permite a sua degradação.

E ainda mais esta afirmação:

Nós queremos como tu, que a Revolução nacional, abandone a sua timidez, não se fixando num intermédio período de ensaio que a ninguém satisfaz, por fraqueza da própria posição e subsequentes soluções, que mais parecem actos de caridade, que de justiça.

Somos pela Revolução Nacional realizada em profundidade e por isso, capaz de ligar a vida comunitária na diferenciação de profissões e valores, como um líquido em vasos comunicantes.

Cortar-lhe-emos as raízes capitalistas que a têm aprisionado, como oxigenaremos o ambiente burocrático que a asfixia e emperna, quando não a desvia do seu caminho natural.

Nós não dissemos nunca tanto.

Toda a gente sabe — desde a extrema esquerda à extrema direita — o que somos, como procedemos e quais são as nossas intenções.

Como cristãos, seguimos a doutrina que os Sumos Pontífices têm proclamado, desde há quase 60 anos para cá. A nossa linguagem não é de teor diferente da deles.

Camisaria TUFÃO, L.<sup>DA</sup>

CAMISAS POR MEDIDA

Rua Nova do Almada, 76  
LISBOA Telef. 21831

## O RENDIMENTO DO OPERÁRIO

DEPENDE DAS CONDIÇÕES EM QUE TRABALHA

Há patrões que votam as instalações e as condições de vida dos operários à indiferença, não se apercebendo da desvantagem que para a economia da empresa vai dessa atitude.

Nem todas as empresas são assim, felizmente, e há exemplos dignificantes neste particular.

Começam-se a reconhecer certos erros e, o que é mais, trabalha-se para a sua eliminação.

Ainda recentemente o Sr. engenheiro Ferreira do Amaral, falando em Setúbal sobre «Os novos caminhos da Indústria Portuguesa», dava ao operário no concerto da economia nacional o lugar que lhe compete.

Dessa conferência, publicada na «Indústria Portuguesa» — órgão dos industriais portugueses — transcrevemos o seguinte trecho:

«Em regra, a mão-de-obra portuguesa custa pouco dinheiro; não é, porém, o mesmo dizer-se que é barata.

A incidência da mão-de-obra no preço do custo de um produto não se mede pelo valor das jornas que se pagam, mas sim pela razão entre as importâncias dispendidas e o valor do trabalho realizado. A preparação conveniente do trabalhador, especializando-o, instruindo-o, dando-lhe melhores condições físicas e intelectuais para atingir o mais perfeito rendimento do seu esforço normal é, ainda, outro caminho que podemos percorrer para melhorar a economia industrial portuguesa.

É essa uma missão de muito alto interesse social com reflexos sensíveis na economia da Nação, que as escolas técnicas irão desempenhar. Confiamos nas consequências, que perdurarão nas gerações que nos seguirem, da reforma do ensino técnico; é esta uma das variáveis da equação de problemas que afectam a indústria, por onde podemos largamente progredir».

É do órgão dos industriais este passo, sinal de que entre eles se sente também a necessidade de dar aos trabalhadores as condições de vida a que têm direito.

Deodato da Silva

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

### CONDIÇÕES DE ASSINATURA

3 meses . . . 12\$50  
6 meses . . . 25\$00  
1 ano . . . . . 50\$00

Pagamento adiantado. Como «O Trabalhador» não fará cobrança das suas assinaturas, pelo correio, só enviaremos o jornal a quem nos remeter a importância respectiva em vale do correio ou por qualquer outra forma prática.